

## O BRINCAR E A EXPERIÊNCIA CULTURAL NUMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: o despertar da festa junina a partir da copa do mundo

*Silvia Cristina Costa Gomes<sup>1</sup>*  
*Alexandre Santiago da Costa<sup>2</sup>*

### Resumo

Nas últimas décadas, a educação infantil foi palco de grandes conquistas em vários campos, como nas reconfigurações acerca da infância e do desenvolvimento infantil, das políticas públicas e da legislação educacional. Este estudo teve por objetivo identificar as experiências e as situações de aprendizagens significativas, em relação a uma manifestação cultural tradicional brasileira, a partir dos movimentos das crianças e através do olhar sensível e observador das professoras. Foi resultado de uma pesquisa de campo que ocorreu em uma instituição de Educação Infantil da rede pública de Fortaleza-CE. As professoras, após observarem o interesse das crianças em álbuns de figurinhas da Copa do Mundo, organizaram atividades sobre a festa junina, articulando as origens dos elementos desta festa com os países participantes deste campeonato mundial. As atividades propostas, através das observações e da sensibilidade das professoras em atender as demandas da turma, respeitaram os direitos de aprendizagem da criança, como também os princípios éticos, políticos e estéticos da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Festa junina; educação infantil; manifestações culturais; brincadeira e interação.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, formada pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Atualmente é Professora de Educação Infantil e faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ludicidade e Educação (GEPEL-UFC). Email: [siltinac@hotmail.com](mailto:siltinac@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6087-3511>

<sup>2</sup> Pedagogo e Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Educação Brasileira pela UFC (2017) e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2005). Atualmente, coordena o GEPEL-UFC e atua principalmente nos seguintes temas: escola, currículo, cultura, arte e ludicidade e educação infantil. Email: [santiagoalexandre@yahoo.com.br](mailto:santiagoalexandre@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3484-9574>

## **PLAYING AND CULTURAL EXPERIENCE IN AN EARLY CHILDHOOD EDUCATION CLASS: The awakening of the June party from the World Cup**

### **Abstract**

In recent decades, early childhood education has been the scene of great achievements in various fields, such as the reconfigurations about childhood and child development, public policies and educational legislation. This study aimed to identify the experiences and situations of significant learning, in relation to a traditional Brazilian cultural manifestation, from the children's movements and through the sensitive and observant gaze of the teachers. It was the result of a field research that took place in a public childhood education institution in Fortaleza-CE. The teachers, after observing the children's interest in World Cup sticker albums, organized activities about the June party, articulating the origins of the elements of this party with the countries participating in this world championship. The proposed activities, through the observations and sensitivity of the teachers in meeting the demands of the class, respected the child's learning rights, as well as the ethical, political and aesthetic principles of Early Childhood Education.

Keywords: June party; child education; cultural manifestations; play and interaction.

## **JUEGO Y EXPERIENCIA CULTURAL EN UNA CLASE DE EDUCACIÓN INFANTIL: El despertar de la fiesta de junio de la Copa del Mundo**

### **Resumen**

En las últimas décadas, la educación infantil ha sido escenario de grandes logros en diversos campos, como las reconfiguraciones sobre la niñez y el desarrollo infantil, las políticas públicas y la legislación educativa. Este estudio tuvo como objetivo identificar las experiencias y situaciones de aprendizaje significativo, en relación con una manifestación cultural tradicional brasileña, desde los movimientos infantiles y a través de la mirada sensible y observadora de los docentes. Fue el resultado de una investigación de campo que se llevó a cabo en una institución pública de educación infantil en Fortaleza-CE. Los docentes, luego de observar el interés de los niños por los álbumes de cromos del Mundial, organizaron actividades sobre la fiesta de junio, articulando los orígenes de los elementos de esta fiesta con los países participantes en este campeonato mundial. Las actividades propuestas, a través de la observación y sensibilidad de los docentes para atender las demandas de la clase, respetaron los derechos de aprendizaje del niño, así como los principios éticos, políticos y estéticos de la Educación Infantil.

**Palabras clave:** Fiesta junina; educación Infantil; manifestaciones culturales; juego e interacción.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata parte da experiência vivenciada, através da atuação da pesquisadora como Professora de Educação Infantil, em uma turma de infantil 5, inspirada em estudos sobre o Trabalho de Projetos, de John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952), como uma das mais fortes expressões da proposta de educação pela experimentação e pela investigação, segundo Pinazza (2007), respeitando o interesse das crianças.

Teve por objetivo identificar as experiências e as situações de aprendizagens significativas, em relação a uma manifestação cultural tradicional, a partir dos movimentos das crianças e através do olhar sensível e observador das professoras.

Nas últimas décadas, a educação infantil foi palco de grandes conquistas em vários campos, como nas reconfigurações acerca da infância e do desenvolvimento infantil, das políticas públicas e da legislação educacional. Vários campos de pesquisa como a Sociologia da Infância, a Epistemologia Genética, Psico e Sociolinguística e a Antropologia trouxeram importantes contribuições para o entendimento da criança, do seu desenvolvimento e da sua formação educativa. Segundo Rosemberg (1994), o processo de construção da identidade profissional do educador infantil é um processo histórico atrelado às concepções de infância e da função social da educação infantil para entender o lugar da infância como categoria social na produção dos saberes.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, possui práticas pedagógicas que estão amparadas pela legislação vigente no Brasil. Segundo o artigo 9º, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Resolução nº. 5/2009, (BRASIL, 2009): “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”.

De acordo com o inciso XI, deste mesmo artigo 9º (BRASIL, 2009), estas práticas devem oferecer experiências que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras”.

As instituições escolares, anualmente, realizam atividades voltadas para a celebração das manifestações culturais da nossa região. Uma delas ocorre no mês de junho, a chamada festa junina, em que consagra uma festividade de origem europeia, unindo a religiosidade (em que há homenagens a santos da Igreja Católica), com a comemoração da colheita do milho.

Por conta disso, a pesquisadora, atuando como professora de Educação Infantil, refletia sobre alguns questionamentos: Como trabalhar a festa junina a partir do interesse das crianças? Como articular esta manifestação cultural, respeitando os direitos de aprendizagem da criança de: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, segundo a Base Nacional Curricular Comum - BNCC? (BRASIL, 2017).

Foi quando em junho de 2018, numa turma de crianças com faixa etária de cinco anos, observou-se que algumas delas estavam bastante empolgadas com a Copa do Mundo, que ocorria na época e que algumas estavam levando seus álbuns de figurinhas para a sala de atividades da unidade.

Então, a pesquisadora, junto com outra professora, buscou unir este evento mundial ao evento bastante tradicional no Brasil que é a festa junina, propondo atividades lúdicas que englobassem a origem dos elementos que fazem parte desta tradição cultural com os países participantes do campeonato futebolístico, respeitando sempre os interesses das crianças e ampliando o conhecimento delas sobre o patrimônio histórico-cultural da nossa região.

Este trabalho sustenta-se teoricamente nas ideias de Gobbi e Pinazza (2015) e Hoyuelos (2020) e ancora-se nos documentos oficiais que regulamentam a Educação Infantil: Brasil (2009) e Brasil (2017).

## ESTÉTICA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Optou-se por utilizar autores que abordam sobre linguagens e expressões artísticas na educação das crianças pequenas, de uma forma breve, portanto, esta temática não será aprofundada, mas trará bases para uma boa reflexão sobre a importância dela nesta etapa da Educação infantil.

Nas DCNEI (BRASIL, 2009), em seu art. 4º, a criança é vista como o:

[...] centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Os incisos do artigo 9º destas diretrizes refletem sobre as experiências que as práticas pedagógicas da Educação Infantil precisam propor, alguns são citados:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 2009).

Tais práticas são importantes, pois, visam ampliar o conhecimento de mundo e do patrimônio histórico-cultural da nossa sociedade, pelas crianças, considerando o conhecimento prévio das mesmas, através de diversas experiências e linguagens, utilizando como eixos norteadores a interação e a brincadeira, tão importantes para o universo infantil.

Este documento também aponta, em seu artigo 6º, os princípios que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar. Um deles são os princípios estéticos, encontrados no inciso III deste artigo que são os “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”.

Alfredo Hoyoelos (2020) traz importantes contribuições sobre a dimensão estética através de estudos sobre Loris Malaguzzi, um importante pedagogo, educador e psicólogo italiano (1920-1994), que após a Segunda Guerra Mundial se

mudou para Reggio Emilia, na Itália e, em 1963, criou a primeira escola infantil com a chamada abordagem Reggio Emilia.

Para Loris, a criança é um ser que sempre falará com suas cem linguagens, na abundância e riqueza de imagens, gestos, expressões etc.

No livro *infância e suas linguagens*, Márcia Gobbi e Monica Pinazza (2015) citam a importância de pensar a educação como promotora das aprendizagens infantis, superando concepções históricas antigas. Elas enfocam que deve-se respeitar as manifestações das múltiplas linguagens infantis e criar meios e espaços para que as crianças pequenas possam se expressar de uma forma inteira e plena.

Elas fazem um apanhado dos documentos nacionais existentes que tratam da Educação Infantil e destacam a Política Nacional de Educação Infantil (de 1994) em que as diretrizes pedagógicas precisam promover a melhoria da qualidade através de uma educação integral que amplie as experiências e os conhecimentos infantis, oportunizando às crianças o acesso ao patrimônio histórico-cultural amplo, de uma forma estimulante, rica e diversificada.

Gobbi e Pinazza (2015) apontam que há uma larga publicação europeia, especialmente italiana, sobre as múltiplas linguagens e expressões artísticas na educação das crianças pequenas, porém no Brasil, há pouca publicação científica sobre este assunto.

Assim, elas citam que Malaguzzi revelou uma perspectiva inovadora da arte, em seu sentido mais ampliado, como fundamento da pedagogia da infância e da formação docente dos profissionais que lá trabalham na Educação Infantil.

A Estética, como fenômeno que remete a expressão do ser, traz a possibilidade de trabalho com linguagens diversas: a linguagem plástica, a linguagem musical, a linguagem corporal e o jogo dramático (gênese da linguagem teatral). Essas linguagens artísticas desenvolvem, com base nas expressões individuais e coletivas das crianças, um processo motivador, simbólico e lúdico.

Hoyoelos (2020) relata que a pedagogia de Loris é “uma pedagogia ética, estética, política, complexa, biológica, cultural, relacional, sistêmica, participante, transgressora e construtiva que indaga e narra - como projeto inacabado - uma imagem de infância com direitos universais”. O que ocorre em Reggio Emilia não seria apenas um projeto escolar, mas um projeto de desenvolvimento humano.

Loris refere a arte nas diversas manifestações: nas narrativas, nos desenhos, nas dramatizações, nas pinturas etc. Ele foi influenciado por Dewey, que reconhece a arte como atividade intelectual e a considera como experiência integral para o artista. Esta visão da arte como experiência é bastante interessante para se pensar em sua presença na educação infantil. Malaguzzi destaca que o adulto precisa estar atento às expressões infantis, registrando, documentando, procurando observar os interesses das crianças para dar suporte a experiências cada vez mais elaboradas e com significação. (GOBBI; PINAZZA, 2015). Assim, percebe-se que as atitudes das crianças frente ao mundo podem ser equiparadas às de cientistas.

Hoyuelos (2020) relata que a estética para Dewey “se afasta das convenções dos procedimentos práticos e intelectuais, capaz de dissolver o artístico no estético e de ver o estético na própria experiência humana. Uma estética que propõe uma continuidade entre experiência estética e experiência vital”.

Portanto, para Dewey, a arte é uma experiência entendida como

[...] qualquer dos processos conscientes de nossa vida. Porém, para que haja verdadeira experiência, deve existir um sentido de que dê intensidade, unidade à própria ação. Nossa vida, assim, deixa de ser distraída, dispersa, incoerente e superficial. Para definir o caráter estético da experiência, Dewey enfrenta o ato da expressão. Toda experiência começa com uma impulsão, entendida como um movimento de todo o organismo (HOYUELOS, 2020, p. 146).

Gobbi e Pinazza (2015) também citaram Vigotski, psicólogo russo (1896-1934), ao tratar da temática da educação estética. Elas apontam que este teórico chama atenção para a dificuldade, tanto da Psicologia, como da Pedagogia, de se compreender a natureza, o significado, os objetivos e os métodos da educação estética e destaca três importantes questões: que uma obra de arte possui um efeito moral, bom ou mau, direto sobre a criança e o jovem; que ela não representa uma tradução literal da realidade (para não ter uma falsa compreensão da realidade e não excluir os aspectos puramente estéticos); e, por fim, que a Pedagogia tende a idealizar a estética como uma experiência agradável, reduzindo-a somente ao sentimento de prazer e de alegria que a obra de arte pode despertar na criança.

As experiências estéticas que fundam a emancipação de um espírito livre e crítico da cultura de massa e seus estereótipos devem ser a tônica dos processos de formação das crianças, com vistas a inserir no campo experiencial de suas vidas um simbolismo transformador e lúdico. Pensar a estética e sua importância na experiência formativa das crianças é ampliar a cultura e a gramática social desse sujeito em detrimento de uma prática em arte e linguagens limitadas e pragmáticas com uma perspectiva pedagógica artificial.

Estas autoras nos chamam atenção citando que as ações tanto da arte, quanto da ciência fazem parte também das elaborações infantis, como criar, inventar, transcriar; nas hipóteses e teorias que as crianças pensam e inventam como formas únicas de encontrar respostas às experiências vividas, sem prender-se a outros aspectos. Elas também levantam estas questões: “Como conectar a arte e a ciência ao mundo infantil? Como criar relações em que imaginação, poesia, literatura, teatro cheguem às crianças aproximando-se delas?”

Precisamos observar e compreender melhor as crianças sobre o que despertam a atenção delas no cotidiano que os nossos olhos não mais veem, instigando este olhar curioso desses pequenos artistas ou cientistas, considerando seus atos criadores como autênticos e legítimos. O que condiz com a legislação brasileira que considera a criança um sujeito histórico, de direitos, ativo, competente e produtor de cultura.

Cabe ao docente observar e escutar o que elas conversam, procurando entender as suas construções, as relações que estabelecem, as comparações que fazem. Precisa também criar oportunidades para elas realizarem perguntas, descreverem, narrarem, explicarem fatos relativos ao mundo social e da natureza; além de também colocarem perguntas simples que lhe possibilitem pensar. Estas discussões estão de acordo com o inciso VIII, do artigo 9º que falam que as propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir experiências que: “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”. (BRASIL, 2009).

Gobbi e Pinazza (2015) também relatam que “O exercício humano de criação é encarado cotidianamente entre pares ou individualmente. Por trás das ações vistas

pelo universo adulto como aparentemente inúteis, encontram-se elementos da cultura vivida e elaborada pelas crianças a partir do sexo, idade, etnia, classe social, religião”.

Todas as manifestações artísticas, como dançar, cantar, pintar, desenhar, são importantes para a criança, pois despertam a imaginação, rompem barreiras que fazem descobrir coisas não percebidas pelos adultos, assim como quando elas procuram entender a realidade, aguçando a curiosidade, levantando hipóteses científicas que as autoras citaram que “revelam leituras de mistérios profundos sobre a existência humana”.

O que podemos perceber é que esta tríade arte-ciência-infância pode nos oferecer a produção de novos mundos, cheia de desafios, embebida de imaginação, intuição, cognição, fantasia e emoção; e, há do outro lado, a fragmentação e a diluição de sentimentos e percepções cada vez mais presentes no mundo escolar (GOBBI; PINAZZA, 2015).

O papel do (a) docente é planejar situações significativas e enriquecedoras que transformem as curiosidades e as perguntas das crianças em conhecimentos a serem explorados, ampliando o seu interesse e compreensão do mundo.

É fundamental melhorar a qualidade do trabalho do (a) professor (a) da Educação Infantil que deve estar atento às experiências que a criança vive no cotidiano da instituição. Isto implica sensibilidade para escutar as crianças, principalmente suas indagações; colocar-se disponível para elas, permitir que formulem hipóteses, apoiá-las na busca de respostas para suas perguntas, entre outras questões.

Outro ponto importante, destacado por Gobbi e Pinazza (2015) é que:

Tratando de linguagens e da infância é urgente refletir sobre seu teor e isso pressupõe disposição para perceber o tipo de comunicação que está presente ou ausente entre as crianças em seus choros, suas falas, seus gestos, desenhos, pinturas, esculturas. É imprescindível romper com posturas com as quais nos limitamos a tratá-las como mera função fática, vazia de conteúdo informativo, afetivo, cultural, embora acreditando que estamos nos comunicando com as crianças. A função poética de aspecto sensível e que se encontra presente entre as crianças naquilo que fazem passa despercebida daqueles mais velhos que se encontram entre elas. Neste sentido, precisamos ser refinados tradutores e quem compreende tais linguagens, ainda que com muita dificuldade. As crianças, por sua vez, são designers

de linguagens cabendo ao adulto observar, entender e, ao mesmo tempo, disseminá-las para todos. Elas configuram mensagens. Estando atentos, percebemos que elas trazem e apresentam informações estéticas próprias – traços, cores, formas, linhas, assuntos – nas quais existem elaborados processos de seleção. (GOBBI; PINAZZA, 2015, p. 42).

Hoyuelos (2020) traz importantes contribuições sobre a comunicação. Ela não pode existir sem interação e ocorre em uma “circularidade de ida e volta infinita”. Além de exigir que aja uma partilha de território comum de “experiências, ideias, pensamentos, teorias negociáveis, sentidos, significados etc”. Ele diz que Malaguzzi trata a competência comunicativa como um “saber falar para escutar” que gera um grande prazer comunicativo na criança; porém não está relacionado somente com a palavra, mas também com os olhos, as mãos, o corpo todo. É necessário também estabelecer uma escuta recíproca e perceber “os deslumbramentos que se lê nos olhos das crianças”.

Destacamos algumas afirmações sobre o deslumbramento e a estética para Loris, influenciado por outros teóricos:

O deslumbramento é essa emoção sutil que nos põe em alerta para procurar os significados importantes das coisas que vemos, sentimos ou reconhecemos.

Esse deslumbramento estético que produz o estranhamento leva a descobrir essa ideia do Padre Balducci (1992), e também de Gaston Bachelard (1994), tão amada por Malaguzzi, da criança portadora do inédito. Inédito visto que implica a fascinação do desconhecido, da incerteza, do escondido, das possibilidades submersas que desejam sair à superfície para serem olhadas; essa nostalgia do futuro da qual fala Malaguzzi (HOYUELOS, 2020, p. 126).

Outra temática interessante para tratar quando se fala em estética seria a criatividade, novamente nos debruçamos em Malaguzzi, segundo Hoyuelos (2020):

Em Malaguzzi, podemos falar da criatividade como mais outra estratégia da sedução estética. As cem linguagens é uma metáfora que pretende estabelecer relações que, até então, pareciam disjuntivas. À capacidade estética e criativa de Malaguzzi para estabelecer conexões inimagináveis entre os acontecimentos, construir intencionalmente surpresas eficazes era notável (HOYUELOS, 2020, p. 126).

A criatividade, para Malaguzzi, está ligada a um ato de amor, de paixão pela vida, pelo trabalho, pela curiosidade de aprender. Desse amor, vem o desejo de inovar, de transgredir. (HOYUELOS, 2020, p. 236).

Criativo, para Malaguzzi, significa que cada criança é capaz de inventar seu próprio conhecimento do conhecimento. Que as crianças são capazes de construir imagens e imaginários enquanto exploram e investigam – com alegria – os acontecimentos da vida. (HOYUELOS, 2020, p. 246).

A escola e, portanto, os educadores devem se preocupar para que o projeto educativo seja amado pelas crianças, pelos jovens, para evitar que se usurpe aos homens a possibilidade de expressar suas potencialidades criativas. À criatividade, o ato criativo, é algo que recolhe o sentido humano da existência. Talvez, comenta Malaguzzi, não sabemos definir bem o que é a criatividade, mas podemos senti-la dentro como uma aventura especial que, quando chega, nos faz viver esse inconfundível calafrio emocionante (HOYUELOS, 2020, p. 236).

Em vista disso, destacar estes autores foi de suma importância por conta da relevância de seus estudos em relação à estética e suas contribuições na educação infantil, sendo capaz de contribuir no desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da autonomia e conseqüentemente, no desenvolvimento integral da criança. Percebemos também que encontramos conceitos diferentes entre os autores, mas que partilham e condizem da mesma ideia encontrada nos documentos oficiais do Brasil.

## METODOLOGIA

O estudo foi resultado de uma pesquisa de campo que ocorreu em uma instituição de Educação Infantil da rede pública de Fortaleza-CE, localizada num bairro periférico do Distrito de Educação III, na qual, a pesquisadora atuava como professora.

Os sujeitos participantes foram as crianças de uma das turmas do Infantil 5, do turno da tarde. Ao todo, foram 14 crianças na faixa etária de 5 a 6 anos, sendo 8 meninas e 6 meninos.

Para coletar os dados, foi utilizada a técnica da observação participante e registrada em diário de campo, durante o mês de junho, de 2018.

A pesquisadora, enquanto professora da turma, realizava as atividades, junto com outra professora e dois estagiários. Tudo era registrado através de fotografia, de filmagem e da escrita do caderno de registro da turma. Ao final do semestre, foi

realizado dois tipos de relatórios: um geral da turma e um individual de cada criança, abordando o desenvolvimento e a aprendizagem de cada uma delas e encaminhado para a coordenação da instituição, como também para as famílias das crianças.

Segundo Minayo (2009, p.71), o diário de campo é “o principal instrumento de trabalho de observação”. Esta mesma autora cita que ele é “um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram desta pesquisa um grupo de 14 crianças, duas professoras e dois estagiários de Pedagogia, no mês de junho, de 2018.

As professoras, após observarem o interesse das crianças em álbuns de figurinhas da Copa do Mundo, organizaram atividades sobre a festa junina, articulando as origens dos elementos desta festa com os países participantes do campeonato mundial de futebol que estava ocorrendo.

Gobbi e Pinazza (2015) relatam a importância de estarmos atentos e aproveitar as oportunidades de aprendizagens que surgem no cotidiano das crianças, em que podemos perceber o quão rico são seus diálogos, as suas invenções, suas teorias e suas criações.

Ostetto (2017) também relata sobre observar o que encanta a criança e a necessidade de se estar ligado:

[...] ao instante que causa maravilhamento, que solicita e movimenta todos os sentidos da criança se envolvendo com as materialidades, objetos e espaços tal qual um pesquisador. Os resultados, em termos de produto, são secundários, importam menos. Isso porque, quando as crianças estão entretidas com algum objeto ou material, manuseando, mexendo, construindo, desconstruindo, rabiscando, pintando, melecando, não estão criando obrigatoriamente uma obra de arte (OSTETTO, 2017, p. 64).

Vale salientar que muitas crianças da turma não queriam participar desta festa e negavam-se em se envolver nas primeiras propostas de atividades, mesmo lúdicas, porque não queriam dançar a música tradicional de forró. Isto nos lembra o que Luckesi (2014) citou que nem toda atividade seria lúdica, porque ela é uma

experiência interna do sujeito, que só poderia ser percebida e expressa pela pessoa que a vivencia. A atividade poderia até mesmo ser “não-lúdica”, dependendo do sentimento presente por quem estar participando, num determinado momento.

Por este motivo, as professoras começaram a observar melhor os interesses das crianças e começar a sondar o que estava despertando mais atenção no momento.

Em uma das rodas de conversa da turma, as professoras perguntaram para a turma se ela sabia em que mês estávamos e se havia alguma festa importante neste período? Algumas meninas e meninos prontamente responderam mês de junho e festa junina. Então, as docentes questionaram se as crianças sabiam como surgiu este evento e depois, contaram uma história, utilizando imagens com bandeirinhas, fogueira, dança, instrumentos etc desta festividade, juntamente com imagens das bandeiras dos países que originaram cada elemento desta festa.

Como cita Hoyuelos (2020), “comunicar exige compartilhar um território comum de experiências, ideias, pensamentos, teorias negociáveis, sentidos, significados etc. Evidentemente, não pode existir comunicação sem interação”.

As crianças que possuíam os álbuns de figurinhas da Copa, logo responderam sobre os países e se empolgaram bastante, contagiando as outras. Ao final, foi apresentada uma música de forró que falava exatamente sobre a Rússia, o país que estava sediando este evento, naquele ano: Pagode Russo, de Luiz Gonzaga e, surpreendentemente, todas começaram a dançar.

Gobbie e Pinazza (2015) nos lembram que quando uma criança “opta por dançar, movimentando o corpo de maneiras diversas, chegando a elaborar uma coreografia, isso significa sua escolha por algo e alguma forma para expor seu pensamento, seu desejo, suas (in) satisfações”.

A turma ficou bastante curiosa sobre como as crianças russas dançavam quadrilha, então, as professoras pesquisaram e assistiram a vídeos destas crianças e apresentaram ao grupo. Alguns infantes começaram a dizer que sabiam fazer aqueles passos e ficavam demonstrando aos outros; aos poucos foram sugerindo passos para incluir na dança da festa junina.

Posteriormente, as docentes buscaram histórias sobre a temática para contar ao grupo. Encontraram um conto sobre as bonequinhas russas, algo que chamou

bastante atenção do grupo e que fez com algumas crianças desejassem fazer estas bonecas, em forma de papel.

Ostetto (2017) destaca sobre a importância da disposição dos (as) docentes em acompanhar a curiosidade e a interação da criança sobre tudo que as cerca. É relevante quando as professoras dão valor para as coisas que as crianças “procuram, pegam, experimentam, dizem, inventam, propõem, tanto mais poderão pensar e encaminhar situações que alimentem seu processo criativo, que enriqueçam o desenvolvimento de suas linguagens”. Todo o processo é valioso, mas a principal transformação que está acontecendo é interna, no seu corpo, no seu pensamento.

Em seguida, outras crianças sugeriram confeccionar as bandeirinhas da festa junina, e, na sequência, foram surgindo outras ideias e atividades: como a brincadeira de bola no pé, selecionada pelo grupo para realizar no dia da festa (esta brincadeira consistia em passar uma bola pequena através de um pequeno balde amarrado no pé para outra pessoa que está também com este objeto vazio no pé, esperando a bola) e que também tinha relação com futebol, esporte bastante interessado pelas crianças.

A turma também escolheu a música que homenageia a Rússia para dançar na apresentação e elaborou uma coreografia bem diferente: incluíram alguns animais das histórias que a encantava, como os lobos, contendo uivos, gritos, saltos e sustos; além de contarem uma história, através da dança.

Novamente, Hoyuelos (2020) nos lembra que “todas as expressões se constroem em reciprocidade e possibilitam gerar outras linguagens que nascem e se desenvolvem na experiência”.

Vale salientar o quanto a interação e o brincar são importantes para as crianças e que foram valorizados nas atividades propostas pelas docentes: elas brincam de correr, de dar saltos, de escorregar, de falar, de brigar, de esconder-se, de lutar etc; ou seja, elas aprendem, brincando, pela ação, pois, as crianças necessitam da ação como recurso de compreensão. (LUCKESI, 2014).

A preparação desta festa foi um momento de grande aprendizagem para o grupo, pois ampliou as oportunidades de interação das crianças com uma das mais importantes manifestações culturais nordestinas.

Winnicott (1975) relata que a criança entra no mundo do adulto, através do ato de brincar, de uma forma mais confortável, reproduzindo a realidade no mundo simbólico. Ele também cita que entre o brincar da criança e o brincar da outra pessoa, há possibilidade de introduzir enriquecimentos.

A experiência cultural começa na brincadeira, através da relação do indivíduo com o meio ambiente. Este autor destacou a importância da cultura, no desenvolvimento da infância, através da tradição, do mito e da capacidade de inventividade do ser humano. Ele relata que o brincar e a experiência cultural são fatos que vinculam o passado, o presente e o futuro, como também ocupam tempo e espaço (WINNICOTT, 1975).

Este estudo teve por objetivo identificar as experiências e as situações de aprendizagens significativas, em relação a uma manifestação cultural tradicional, a partir dos movimentos das crianças e através do olhar sensível e observador das professoras.

Os sujeitos participantes foram 14 crianças de uma turma de Infantil 5, na faixa etária de 5 a 6 anos, sendo 8 meninas e 6 meninos.

As experiências vivenciadas utilizaram diversas linguagens: musical, verbal, gestual, plástica e dramática; com os eixos norteadores da Educação Infantil, a brincadeira e as interações, sempre presentes.

Vigotski (2001) aponta que o brincar é a atividade principal da criança, é o local onde a criança vai dar vazão à energia acumulada; diferente do animal, o ser humano aprende na brincadeira, através da experiência, como também se realiza emocionalmente, ao ser aquele personagem que ele vivenciou, brincando.

Importante destacar que “a experiência com o corpo, sem ênfase nem reduções desnecessárias e injustas, é a experiência da criança inteira; nela, a atuação de seu corpo deve ser interpretada, solidariamente, com outras questões convergentes”. (HOYUELOS, 2000).

As atividades propostas, através das observações e da sensibilidade das professoras em atender as demandas da turma, relacionando a festividade com o que as crianças demonstraram ter interesse e criando condições de aprendizagens significativas ao grupo; respeitaram os direitos de aprendizagem da criança, como também os princípios éticos, políticos e estéticos da Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC, 2017, p. 33-54.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB Nº 5/2009*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf). Acesso em: 19 out. 2020.

GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2015, 180p.

HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. Tradução Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte. 1 ed. 2020, 288p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Ludicidade e formação do educador*. Salvador: Revista Entreideias, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes. 28 ed. 2009.108p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. Florianópolis: *Revista Zero-a-seis*. v. 19, n. 35. Jan-jun 2017. p.46-68. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2017v19n35p46>>. Acesso em 10 jan. 2021.

PINAZZA, Mônica Appezzato. John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância. IN: PINAZZA, Mônica Appezzato. *Pedagogia (s) da infância - dialogando com o passado construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007, 328p.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a Realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, Coleção Psicologia Psicanalítica, 1975, 244p.